

# A AMEAÇA PERMANENTE: O ALCOOLISMO NA IMPRENSA OPERÁRIA SÃO PAULO, INÍCIO DO SÉCULO XX\*

LIANE MARIA BERTUCCI\*\*

"Assim como as tempestades derrubam árvores e afundam navios, o álcool, na sua marcha devastadora, aniquila consciências e afunda vidas inteiras. É, pois, o álcool um mal que nós, por todas as formas devemos combater e exterminar, para que assim a evolução da humanidade se opere duma forma regular."<sup>1</sup>

Indivíduo/coletividade, a questão do alcoolismo aparece em vários artigos da imprensa ligada ao operariado como uma catástrofe, paralelamente pessoal e da comunidade. Problema cuja solução implica na necessidade de alteração do dia-a-dia das pessoas e, com esta, em mudanças na configuração geral da sociedade, a questão do alcoolismo coloca-se, pois, como emblema de uma vida arruinada, gerada por um tecido social doente - aquele em que se desenvolve a cidade industrial no início do século XX.

A eleição do problema do alcoolismo como uma questão

---

\* Este texto é parte do capítulo II da dissertação de mestrado "Impressões Sobre a Saúde - A Questão da Saúde na Imprensa Operária. São Paulo, 1891-1925". O problema do alcoolismo foi abordado de maneira semelhante por diferentes publicações ligadas aos operários, por isso só me referi à tendência política do jornal (revista ou organização) quando julguei indispensável.

\*\* Doutoranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas.

<sup>1</sup> "Um vício a combater - O Perigo do Álcool", *A Vanguarda*, 04 de março de 1921.



primordial para os trabalhadores em jornais acontece em um período em que toda a conformação social do estado de São Paulo passa por mudanças profundas, com a concentração crescente das pessoas no espaço urbano, principalmente no da capital. Período de reestruturação que incidirá sobre os novos habitantes das cidades e sobre seu espaço de vida e atividade enquanto, pouco a pouco, o mundo da fábrica se efetiva.

Organizados em sindicatos, grande parte destes operários, que em sua maioria partilhavam idéias libertárias, têm no alcoolismo um alvo certo a combater. Problema presente no cotidiano individual, ele será denunciado por trabalhadores como um dos frutos da sociedade fabril, que não possibilita aos trabalhadores que nela atuam condições de vida satisfatórias: "A sede do álcool não é causa, mas consequência da miséria", ensina *A Plebe*, em 1919, usando frase do químico alemão Liebig<sup>2</sup>; enquanto *A Vanguarda* em 1921 alerta:

"(...) Viciados por este líquido mortal [o álcool], os operários desviam-se dos sindicatos, das bibliotecas e das escolas, para irem para a taverna jogar cartas e discutir banalidades. É preciso modificar o meio social em que vivemos, mas para que essa transformação se realize necessário se torna que cada qual se modifique e aperfeiçoe."<sup>3</sup>

Ao fazer o combate ao alcoolismo atacando a sociedade e os capitalistas, jornais de diferentes matizes ideológicos acabarão, entretanto, por evidenciar que o uso de bebidas alcoólicas era prática social disseminada, inclusive entre aqueles diretamente ligados a associações operárias. A organização dos empregados em hotéis, restaurantes, bares e afins, intitulada A Internacional, deveria ter como órgão impresso representativo *O Internacional*, mas os comunistas

<sup>2</sup> *A Plebe*, 24 de maio de 1919.

<sup>3</sup> *A Vanguarda*, artigo citado.

influenciavam o jornal, enquanto a organização A Internacional teve em vários períodos uma diretoria anarquista<sup>4</sup>, o que gerava atritos que acabavam expondo uma realidade operária diversa daquela pregada nos discursos políticos "moralistas" dos militantes de diferentes tendências políticas. Antonio Canda Otero, em longo artigo, n'*O Internacional* de 1925, reclamava:

"Sendo os sindicatos operários a centralização de energias para a transformação desta corrompida sociedade, é necessário que, em seu seio não permitam imoralidades como atualmente se vêem em nossa associação, que mais parece um taverna de pescadores das costas da Noruega. Os diretores da nossa associação em vez de procurarem fazer do sindicato um meio purificador de consciências para que amanhã possamos ter indivíduos capazes de se apoderarem das rédeas de um governo proletário, transformaram o local social em uma taverna em que se cultiva toda a espécie de vícios. Se algum associado tiver necessidade de pedir alguma informação ao Comitê perderá o seu tempo, porque o Comitê é unicamente o Sr. secretário geral, e este se não estiver com as cartas na mão, saboreando um "tute", está divorciado em cima de uma mesa roncando como um pai de leitões e quando está nestas condições isto é, perturbado pelo fluido da garrafa, não quer ser incomodado com amolações de sócios. Futuros diretores ! Apelo para as vossas esclarecidas consciências: o primeiro ato que tendes a fazer é reclamar a nossa biblioteca, já que os nossos antecessores nenhum passo deram para tal fim. Transformai o "bar" em sala de leitura, para que a coletividade se possa desenvolver mentalmente"<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Cf. John W. F. Dulles, *Anarquistas e Comunistas no Brasil, 1900-1935*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, p. 153.

<sup>5</sup> "Saneamento Moral", *O Internacional*, 11 de julho de 1925. Veja também "A Internacional", *Ibidem*, 1ª Quinzena de agosto de 1925; "Ecos da Semana", *O Livre Pensador*, 09 de outubro de 1904; e "Modos de Ver... álcool", *A Plebe*, 09 de abril de 1921.



Entre outros enunciados deste teor, as palavras de Otero, nas quais não pode deixar de ser sentida a intenção de desmoralizar adversários políticos, abrem uma significativa fresta para sentirmos o quanto a bebida era apreciada, não apenas entre os habitantes da cidade de maneira geral, mas particularmente entre os trabalhadores, aspecto que impeliu militantes operários a concorrerem decisivamente para a construção do alcoolismo como um mal permanente a ser constantemente combatido, se se quisesse mudar a sociedade. Tarefa com muitos obstáculos, cujas dificuldades aumentavam ainda mais quando até mesmo um ativo militante anarquista como Orestes Ristori, que chegou a fazer conferências combatendo o alcoolismo<sup>6</sup>, é apontado como falsificador de vinhos do Rio Grande do Sul<sup>7</sup>.

Nos textos pedagógicos da imprensa ligada aos trabalhadores o alcoólatra será uma vítima social, que muitas vezes se entrega ao vício para esquecer a realidade em que vive, baseada na "exploração do homem pelo homem"<sup>8</sup>. O ser humano alcoolizado, fruto do novo quadro urbano, será aquele homem que se desviou por culpa da sociedade, e que pode e deve ser recuperado; mas, principalmente, aquele cujo exemplo não deve ser seguido.

O discurso diário dos jornais revelará também, de maneira sutil e contraditoriamente incisiva, a relação do operariado com o álcool, formando tanto um concerto com a oratória exaltada da condenação das

<sup>6</sup> *A Terra Livre*, 01 de janeiro de 1910; *A Lanterna*, dezembro de 1909; *A Terra Livre*, 15 de junho de 1910.

<sup>7</sup> Cf. "Fraudes e Falsificações - Os Vinhos do Rio Grande São Drogas", *A Rolha*, 23 de abril de 1918: "Os celeberrimos vinhos do Rio Grande do Sul, cuja falsificação havia sido iniciada há anos pelo ex-anarquista Orestes Ristori, quando ficou com inveja da prosperidade de todos os Matarazzo desta terra...".

<sup>8</sup> "Deportados", *A Lanterna*, 13 de setembro de 1913.

bebidas, quanto retratando aspectos da vida dos trabalhadores urbanos.

"Martinho, maquinista da estrada de ferro, tinha explicado à sua filhinha que a bandeira vermelha significava alarme:

- Então, papai, quando vedes este sinal, parais a locomotiva ?

- Certamente, do contrário haveria um desastre.

No dia seguinte, a criança viu sua mãe chorar, o que de algum tempo para cá não era raro.

- Mamãe, por que está chorando ?

- Ah! filhinha teu pai começou a beber, e com esse vício ele perderá certamente o emprego.

Na manhã seguinte, quando o marido abriu o seu armário, para tirar a garrafa de aguardente, encontrou uma bandeirinha vermelha ! Compreendeu o artifício de sua filhinha, abraçou-a, recolocou a garrafa em seu lugar e de lá nunca mais a retirou"<sup>9</sup>

Com uma forma simples, direta, utilizando o sentimento familiar, o amor paternal, procura-se relacionar o uso da bebida com a miséria e possível desagregação do lar, que a perda certa do emprego detonaria.

Longe de considerações científicas, a pequena história, com sua forma coloquial e infantil, aproxima o leitor e a "família" retratada numa empatia realizada graças à colocação correta dos termos, através da economia de adjetivos. A situação parece "falar" por si mesma graças à utilização da criança, cuja intervenção singela chama a atenção pela honestidade e pela aura de verdade e inocência.

Sobrevivência versus aguardente. A visão da perda do emprego, terrível se considerarmos as dificuldades de sobrevivência para a classe trabalhadora<sup>10</sup>, e a desestruturação pessoal e familiar, resumem, neste

<sup>9</sup> *A Plebe*, 22 de dezembro de 1923.

<sup>10</sup> Problema renitente na vida do trabalhador, a carestia será constantemente denunciada em jornais como *A Lanterna* e *A Plebe*, inclusive com vários artigos sobre a organização da Liga Popular Contra a Carestia da Vida em 1912, de ação e vida irregulares durante os anos seguintes mas que demonstra a gravidade do problema para os operários e sua luta para debelá-lo.



texto exemplar, uma preocupação diária concreta. Desemprego, dificuldade financeira que, com certeza, impeliriam mais ainda para o vício da bebida, desestruturando definitivamente a vida doméstica, e levando o trabalhador em sentido inverso àquele buscado por militantes operários, ou seja, a união dos trabalhadores, representada para muitos deles pelos sindicatos.

"...o marido abriu o armário para tirar a garrafa de aguardente...", por que não de outra bebida? A questão pode parecer pueril, se não por outro motivo, pelo fato de a palavra "aguardente" poder resumir vários tipos de líquidos alcoólicos (além de existirem vários tipos de aguardente). Se considerarmos que o autor, ao tentar ser conciso, nomeou a bebida "aguardente", a questão, ao invés de solucionar-se, (como aliás poderia parecer já no caso da primeira resposta) justificaria-se de forma plena: por que aguardente seria expressão tão forte que enfeixaria todas as bebidas alcoólicas?

Constituindo maioria absoluta entre os trabalhadores dos grandes centros urbanos, em cidades como São Paulo e Santos, os operários imigrantes atingiram um total que ultrapassou a 70% dos moradores, no início do século<sup>11</sup>. Desse total, a maioria era de origem italiana, grupo que poucas vezes, nas primeiras décadas do século XX, teve seu número superado pelos de outras nacionalidades. O inquérito sobre as condições da indústria têxtil no estado de São Paulo, realizado pelo recém-organizado Departamento Estadual de Trabalho em 1912, confirma a presença maciça de imigrantes, notadamente italianos, nas indústrias paulistas<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Sheldon Maram, *Anarquistas, imigrantes, e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, pp. 15-17.

<sup>12</sup> T. Oscar Marcondes de Souza, *O Estado de São Paulo - Physico, Político, Econômico e Administrativo*, São Paulo, Estabelecimento Gráfico Universal, 1915, pp. 196-197. Ver também Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall, *A Classe Operária no Brasil - 1889-1930*, vol. 1, São

Senhores de hábitos seculares, os estrangeiros amalgamaram pouco a pouco sua herança cultural com costumes aqui encontrados, criando um novo tipo de vida. Entre esses hábitos o da bebida não será desprezível. A marcante presença do vinho no cotidiano, a ponto de a Seção Didática d'*O Internacional*, ainda em 1924, arrolar o vinho como a primeira entre as palavras escritas repetidamente em português, espanhol, italiano e francês<sup>13</sup>, foi certamente reforçada pelo hábito italiano de tomar esta bebida nas festas, reuniões e refeições. Tal costume, se colaborou para a construção do arquétipo de estrangeiro desordeiro e devasso, forjado pela burguesia em sua pretensa "intervenção saneadora" na sociedade<sup>14</sup>, balizou também a ação dos próprios operários na sua luta contra o álcool.

O *Jornal Operário*, de 1905, afirma:

"Há muitos operário para os quais o encarecimento do pão, da carne, do vinho, e outros artigos de primeira necessidade, não os preocupa sequer, como se dito encarecimento não significasse uma diminuição na alimentação de si mesmo e de seus filhos."<sup>15</sup>

Alice, cujo marido era de família italiana, relata:

"Meu marido, mais tarde, construiu uma casa num terreno que tinha na rua Jerônimo de Albuquerque (...). As pinturas ficaram

Paulo, Alfa-ômega, 1979, pp. 58-91.

<sup>13</sup> "Seção Didática", *O Internacional*, 01 de junho de 1924. Cf. Michele Perrot, "Les Classes Populaires Urbaines", *Histoire Économique et Social de la France*, Presses Universitaires de France, Tome IV (1), p. 498.

<sup>14</sup> Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar: a utopia da Cidade Disciplinar, 1890-1930*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

<sup>15</sup> "Táctica das Sociedades de Resistência - VII", *Jornal Operário*, 12 de novembro de 1905. Os grifos são meus.



lindas: na parede da sala de jantar havia painéis formando quadros, um frango, um queijo, maçãs, uma jarra de vinho."

Amadeu, de pais italianos:

"Das crianças que eu conheci, os pais eram todos gente boa. Mas naquele tempo bebiam muito: o vinho italiano custava 200 réis o litro (...) Depois de casado [1937] tomávamos um vinhozinho no almoço, um vinhozinho na janta, mas em casa, só um copo. Os que iam no bar saíam de lá embriagados. No Brás eram muito procuradas as cantinas que serviam queijos, azeitonas, atum estrangeiro, mas eu não tinha o hábito de freqüentar estas cantinas."<sup>16</sup>

Assim, longe de ser descabida, a pergunta sobre o termo aguardente, aponta na direção do enraizamento de um hábito na cultura do trabalhador urbano, o de beber vinho e, mais, na sua propagação e mutação, contribuindo para o uso, na cidade, de outras bebidas alcoólicas, cujo alastramento será tomado como verdadeira epidemia permanente. Amadeu dizia sobre os anos 30 e 40:

"Meus companheiros de trabalho bebiam; saíam às seis horas do trabalho, se reuniam na venda da esquina e ficavam lá até meia-noite, sempre bebendo, discutindo. Bebiam pinga, o vinho para operário era caro, por barato que fosse, não era para aquisição do operário. No tempo do meu pai que vinha em cartolas, em barris, da Itália, era bem barato."<sup>17</sup>

O traço separando o ideal de abstinência e a realidade operária na

<sup>16</sup> Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1979, pp. 67 e 98-99.

<sup>17</sup> Bosi, *op.cit.*, p. 98. Cf. *Annaes Sanitários*, n° 1, outubro de 1918, p. 60: "A Luta Contra o Alcoolismo": a cachaça "(...) no dizer do dr. Belizario Penna, é o pior inimigo da lavoura brasileira, mais prejudicial que as formigas, e somente comparável à ankylostomíase e à politicalha".

implementação dessa luta com o álcool, fará um contorno no qual poderão ser vislumbrados seus próprios limites e os caminhos tangenciais que ela percorreu. De pequenas histórias condenando a aguardente, com toques de "cumplicidade" com o leitor aos relatos de "cruzadas anti-alcoólicas" em países da Europa, diante das quais se comenta que existiria maior eficiência nessa luta caso se pregasse o uso moderado do álcool<sup>18</sup>, existiu um caminho possível para combater a bebida alcoólica.

A luta pelo fim do alcoolismo será, neste período, antes de tudo, contra um costume amplamente difundido e pela construção de um ideal político (caminho e esboço de uma nova sociedade). O seu desenrolar indicará um trajeto acidentado não isento de posições dúbias que repetidas vezes condenam efetivamente o uso de bebidas apenas na forma adulterada, falsificada, com que ela se apresenta ao público. Raros serão os artigos que, denunciando falsificadores, afirmam que esses tornam as bebidas *mais* nocivas<sup>19</sup>, trazendo uma crítica explícita a toda e qualquer bebida alcoólica, como escassos são discursos que apontam claramente, no dia-a-dia, o vinho como único ou primordial causador dos males do alcoolismo<sup>20</sup>. A revista *Annaes Sanitários* publicada por Nereu Rangel Pestana, chega ao extremo de, em outubro de 1918, defender a vitivinicultura como forma de combater o mal do alcoolismo propiciado pela aguardente ou cachaça<sup>21</sup>.

O uso acentuado de bebidas com álcool, surgido como questão relevante juntamente com a nova realidade das cidades fabris composta

<sup>18</sup> "A Cruzada Anti-Alcoólica", *A Lanterna*, 09 de janeiro de 1904.

<sup>19</sup> *A Lanterna*, 18 de dezembro de 1903.

<sup>20</sup> Cf. o artigo repetido pelos jornais *O Carpinteiro*, n° 1, *A Luta Proletária*, n° 10, e *O Trabalhador Gráfico*, n° 57. Significativamente, o artigo foi feito no início do século e no exterior.

<sup>21</sup> *Annaes Sanitários*, *op.cit.*, pp. 60-65.



de seres humanos de origens e hábitos variados (do campo para a cidade ou de um país para outro), moradores de locais insalubres, com péssimas condições higiênicas e de saúde, não é contudo privilégio destas cidades. Ao analisar as condições de existência do trabalhador na Inglaterra, em obra publicada em 1845, Friedrich Engels, por exemplo, aponta os irlandeses como tradicionais bebedores<sup>22</sup>. Mas será com a grande concentração de pessoas no meio urbano que o alcoolismo despontará como um problema central na perspectiva de muitos intelectuais, além de vários patrões e inúmeros trabalhadores. Evaristo de Moraes afirma:

"Já não nos é lícito manter indiferença diante do grave problema do alcoolismo, que, desde meado do século XIX, se impôs desoladoramente, em todos os países civilizados. Por isso mesmo, que o Brasil é um deles, tem de pagar tributo a esse fator de degeneração da espécie humana."<sup>23</sup>

Continuando, adverte que não se pode confundir o alcoolismo moderno, uma moléstia social, com a antiga embriaguez:

"O alcoolismo é, antes de tudo, produto da atual desorganização social-econômica e da imoralidade individual, esta resultante dos efeitos da educação e da desagregação da família. Cumpre, portanto, agir sobre as condições existenciais da sociedade e sobre o espírito dos indivíduos"<sup>24</sup>

A sociedade como matriz e o alcoolismo como moléstia social,

<sup>22</sup> Friedrich Engels, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, São Paulo, Global Editora, 1986, p. 109.

<sup>23</sup> Evaristo de Moraes, *Ensaio de Pathologia Social - Vagabundagem, Alcoolismo, Prostituição, Lenocínio*, Rio de Janeiro, Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 1921, p. 71.

<sup>24</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 73 e 87.

algo destruturador que coloca em risco a família comprometendo a descendência, degenerando a espécie. As considerações de Moraes não serão incompatíveis com a postura de periódicos preocupados com a situação dos trabalhadores das cidades.

O jornal *A Lanterna*, através da coluna de variedades "Ecos", declara:

"O álcool na época atual faz mais destroços do que os três flagelos históricos: a fome, a peste e a guerra. Ele dizima mais do que a fome e a peste; mata mais que a guerra, e faz mais do que matar - desonra"<sup>25</sup>

O álcool no imaginário desenhado pelos artigos da imprensa operária, compõe um quadro capaz de aliar catástrofes anteriores, vivas na lembrança popular com maior ou menor intensidade, e o presente de mudanças e dificuldades. O alcoolismo seria o flagelo perene, ameaçando diariamente a sobrevivência não só física, mas moral dessas pessoas. A bebida "desonra", como assinala *A Lanterna*, sendo assim entrave poderoso à ação proba e consciente das pessoas. Seres humanos que, vivendo em comunidade, tendo para ela projetos que se definem socialmente, terão a necessidade de decifrar e combater questões guindadas à condição de cataclismo social.

Na luta política cotidiana pelo rumo a ser dado à conformação social que se implanta, uma das armas fundamentais (notadamente para os anarquistas) será a instrução, pois sem ela não haveria trabalhadores conscientes e não existiria, por consequência, luta.

Para a educação do trabalhador, no que diz respeito ao problema do alcoolismo, o recurso ao exterior não será excepcional. Diagnosticado como mal do mundo hodierno, a busca de lições e teses em outros países

<sup>25</sup> "O álcool", *A Lanterna*, 16 de janeiro de 1904.



constituirá reforço substancial ao aparato de combate ao álcool. Em sua coluna "O Que Vai Pelo Mundo", o jornal *A Lanterna* de 14 de julho de 1914 traz notícia sobre o alcoolismo no Japão, afirmando que "o álcool entra em toda parte com a civilização moderna para comprometer e matar. Breve morrerá a lenda do pequeno japonês comedor de arroz e bebedor de água que por isso venceu o Goliás russo, grande bebedor de álcool. O sakê, aguardente de arroz, começa a envenenar os japoneses". (Segue reproduzindo estatística sobre problemas causados pelo álcool, não só no Japão mas também na Itália, Inglaterra, Suíça e Espanha)<sup>26</sup>.

Entretanto, não será só através de reportagens rápidas nos seus jornais que o contato dos trabalhadores com o exterior é utilizado. Publicações externas não raro foram comentadas e usadas para tal fim. Já no início do século, *O Amigo do Povo*, acusando recebimento do nº 27 da revista *L'Ere Nouvelle*, enfatizava a reportagem intitulada "L'alcoolisme et les revendications ouvrières". Pouco tempo depois, o mesmo jornal anunciava "Pró-Saúde - órgão da Liga de Propaganda Contra o Tabaco e o Alcoolismo. Número programa. Endereço: Poço do Borraten, 313, 1º, Lisboa"<sup>27</sup>. A revista *Aurora* em seu segundo número comentava, em 1905, o artigo "L'alcoolisme Ed I Rivoluzionari", de Augusto Giordini, escrito no *Il Pensiero* e o jornal *A Lanterna* de 14 de janeiro de 1904, com o título "O Alcoolismo - Conselho a Seguir", transcreve artigo do *El Obrero* de Buenos Aires, dizendo ser o álcool o grande inimigo da humanidade, sobretudo dos trabalhadores, aconselhando-os a não beberem se quisessem liberdade e bem estar, pois "o álcool é veneno da inteligência, como denominou o grande fisiólogo Charles Richet"<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> "O que vai pelo mundo", *A Lanterna*, 04 de julho de 1914.

<sup>27</sup> *O Amigo do Povo*, 06 de março de 1904.

<sup>28</sup> "Folhando a imprensa", *Aurora*, 01 de março de 1905; *Il Pensiero* (Roma) nº 24; "O alcoolismo -

Assim, a amplitude do alcoolismo e a luta que envolvia a questão, aparecerão na tentativa sistemática de instrução da classe trabalhadora pelos jornais quanto ao problema e suas graves conseqüências num esforço para livrar o operariado daquele que era, para os militantes, um dos maiores obstáculos à constituição de um homem forte física e moralmente, um ser atuante, segundo os próprios libertários e outros grupos organizados<sup>29</sup>.

A conferência que a livre-pensadora mineira Maria Lacerda de Moura - crítica da sociedade capitalista, discípula de Han Ryner, professora, poetisa e escritora - realizou no Salão Lyra em comemoração ao 10º aniversário de A Internacional, responde a esta ânsia por entender as causas e enfrentar um problema assustador, classificado mesmo como epidêmico entre os trabalhadores, segundo os periódicos operários, devido à sua imagem de calamidade e contaminação<sup>30</sup>. Assim, o costume do "mata-bicho" é revelador, para os militantes ligados aos trabalhadores, da extensão do problema e da dificuldade em vencê-lo:

"Entre o operariado e [sic] inveterado o mata bicho mata-se o bicho para refrescar no quente (...) para alegrar os tristes; para contentar mais aos contentes. Pergunta-se a todos nenhum bebe por vício (...) bebem para distrair, para agradar, para ser da moda que diabo se não fosse o clássico vamos matar o bicho que

conselho a seguir", *A Lanterna*, 14 de janeiro de 1904, e "Ecos - O Alcoolismo", *Ibidem*, 22 de janeiro de 1904.

<sup>29</sup> Sobre o uso de bebidas alcoólicas na ótica de uma organização ligada à Igreja Católica, ver "Os Males do alcoolismo (católico) 1913", *apud*, Edgard Carone, *Movimento Operário no Brasil*, São Paulo, Difel, 1979, pp. 270-275. Veja também Perrot, *op.cit.*, pp. 481-482 e 498-499.

<sup>30</sup> "O Alcoolismo e a Questão Social", *O Internacional*, 15 de abril de 1924. Miriam M. Leite, *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*, São Paulo, Ática, 1985, *apud* Rago, *op.cit.*, pp. 61-116. Expressões como "flagelo" e "praga", usadas para nomear a questão do alcoolismo, ilustram a perspectiva de doença epidêmica sob a qual ele era enfocado. Cf. *A Lanterna*, dezembro de 1909; *O Trabalhador Gráfico*, 13 de dezembro de 1925.



faria o homem ? E, que graça pode ter um homem que não bebe... que nunca apanhou uma carraspana é um maricas um tolo ?! Assim falam esses infelizes homens escravos, esses entes degenerados que não tendo em sua vida um momento de lucidez de raciocínio vivem morrendo na mais infame das escravidões recorrendo à bebida como meio da vitalidade do vigor da alegria de viver! Pobre humanidade assim caminhas para o túmulo que abrem tuas próprias mãos!"<sup>31</sup>

Mesclando problema pessoal e social, a retórica operária constrói um discurso educativo que aparecerá legitimado pelo saber científico cujo percurso será, entretanto, pontilhado pela sobrevivência de práticas populares que resistem à massificação do conhecimento, rompendo o quadro homogeneizante que paulatinamente é elaborado. A *Folha do Povo*, em 1909, publica a seguinte nota:

"A água de fubá cura instantaneamente a embriaguez. O ébrio pode estar caindo, mas basta tomar um ou dois cálices de água de fubá para levantar-se imediatamente e curar-se de seu vício tão deprimente"<sup>32</sup>

Introduzida com o comentário: "De um jornal do interior tiramos a seguinte receita para combater o alcoolismo...", o que induz a noções como provincianismo e atraso, essa fala será facilmente abafada pela presença repetida de outra voz, mais potente, a da "ciência". Traduzindo atualização com o que acontecia no universo intelectual e a habilidade dos militantes proletários no manejo dos recursos apresentados como científicos, o uso desses conhecimentos significará a desqualificação ou o enquadramento de uma gama variada de saberes do povo, elaborados e armazenados durante séculos. Nesse nivelamento do conhecimento, os

<sup>31</sup> "O Alcoolismo", *O Proletariado* (Santos), 01 de outubro de 1911.

<sup>32</sup> "Contra o Alcoolismo", *Folha do Povo*, 22 de julho de 1909.

periódicos que em geral expressavam e ditavam as ações politizadas dos operários, terão função de destaque.

Assim, o alcoolismo será atacado por um discurso ancorado no enunciado técnico-científico que tem, por vezes, seu conteúdo repetido em vários jornais operários, mesmo que de tendências políticas diferentes.

O *Carpinteiro*, simpático aos anarquistas, que defendia a instrução e a educação moral dos operários e a neutralidade das Ligas e outras associações de trabalhadores, em 1905 reproduzirá do jornal socialista *Avanti* !:

"(...) um médico fez investigações estatísticas muito interessantes, sobre a influência do alcoolismo dos pais sobre a saúde dos filhos.

Em 659 famílias pode classificar os genitores deste modo:

- a) 183 não bebem;
- b) 240 bebem moderadamente, menos dum litro de vinho por dia
- c) 133 bebem imoderadamente, mais dum litro;
- d) 103 são bêbados;

"Ora, os casos de tuberculose ou de perturbações nervosas nos pais e nos filhos repartem-se da seguinte maneira em relação a 100:

#### tuberculose

	a	b	c	d
no pai	4,3	5,8	10	13,6
nos filhos	4,8	14	22,2	29,3

#### perturbações nervosas

	a	b	c	d
no pai	1,1	2,5	2,3	2,7
nos filhos	7,9	13,6	17,2	24,2



"Vê-se claramente que se acentuam as taras de um grupo para outro. É pois rigorosamente exato dizer que combater o alcoolismo é combater a tuberculose. Por vossa saúde e pela de vossos filhos, trabalhadores, não bebei álcool ! Todo homem que bebe é um desgraçado inconsciente, é um misero que se coloca à mesma altura que os irracionais, é um homem perdido para a revolução. Incapaz dum gesto de revolta, está disposto a desempenhar todos os baixos papéis de traidor e de espia. Abaixo o álcool!"<sup>33</sup>

Aglutinando na mesma fala perigo para o presente e para o futuro, tanto para o indivíduo quanto para a coletividade, o artigo traduz de maneira eficiente a visão sobre o álcool enquanto mal social, ameaça diária à vida saudável e consciente do trabalhador, utilizando dados abalizados pela sua procedência na construção de um texto persuasivo.

O mesmo artigo estará, *ipsis verbis*, no jornal anarquista *A Luta Proletária* de 21 de março de 1908. Vinte anos depois de *O Carpinteiro*, o jornal *O Trabalhador Gráfico* refará o escrito com linguagem pouco mais elaborada e menos "panfletária" (fruto, talvez, do ideário comunista do jornal no período, que aposta no partido como impulsionador revolucionário, e não em indivíduos isolados, ou outros tipos de associações), assinalando a necessidade de propaganda para combate de um mal para a saúde do trabalhador e de seus filhos, numa indicação da persistência do problema como questão central ainda a ser solucionada, e da circulação de informações dentro da classe operária<sup>34</sup>.

A reutilização de informações, contudo, é indício seguro de que a base educativa, construída principalmente pelos libertários, era calcada

<sup>33</sup> "Abaixo o Alcool !", *O Carpinteiro*, 01 de junho de 1905.

<sup>34</sup> *Idem, Ibidem*. Ver também "Abaixo o álcool !", *A Luta Proletária*, 21 de março de 1908; "Poligrafia - O álcool e seus efeitos", *O Trabalhador Gráfico*, 13 de dezembro de 1925.

na formulação de uma verdadeira "crença" contra as bebidas alcoólicas que deveria ser enraizada em pais e filhos, algo que extrapolava a mera popularização de novos informes estatístico-científicos<sup>35</sup>.

Esse procedimento não se limitará a artigos baseados exclusivamente em dados de outros países. Verdadeiras lições serão repetidas, com forma pouco variada, em vários números de jornais e em textos de estilos e temas variados<sup>36</sup>.

Sinônimo de desvio pessoal, diagnosticado e tratado como doença social, o alcoolismo possibilitará uma ação política abrangente, já que incidirá diretamente sobre o cotidiano do trabalhador. No discurso dos operários, essa possibilidade será revolucionária-pessoal (deixar de beber) para com ela atingir outra, ampla, social<sup>37</sup>. O alcoolismo se prestará assim brilhantemente para a configuração tanto de uma debilitação do operariado, causada pela sociedade capitalista, quanto para o ataque a essa sociedade geradora do alcoólatra e estimuladora do alcoolismo.

Mas o alcoólatra denunciado por periódicos operários como alguém manipulável pelo patrão<sup>38</sup> comporá o clichê do trabalhador

<sup>35</sup> O pressuposto da falta de informações fica sem consistência ao acompanharmos a grande quantidade de publicações e informes recebidos de todo o Brasil e do estrangeiro e comentados em vários jornais. Cf., entre muitos, *O Socialista*, 01 de maio de 1897; *O Rebate*, 16 de julho de 1898; *O Amigo do Povo*, 06 de março de 1904. Muitos dos periódicos eram enviados ao exterior firmando a busca de contato regular com publicações de outros países.

<sup>36</sup> Cf. "O álcool", *A Lanterna*, 25 de dezembro de 1902; "Bibliografia: O Perigo Alcoólico - pelo Dr. Alberto Seabra", *O Livre Pensador*, 03 de julho de 1904. "O Alcoolismo e a Questão Social", *O Internacional*, 01 de maio de 1924 (texto incompleto).

<sup>37</sup> "Alcool e Tabaco", *O Amigo do Povo*, 22 de novembro de 1903.

<sup>38</sup> Cf. "O álcool e sua ação", *Tribuna Operária* (Santos), 01 de setembro de 1909: "(...) A burguesia tem o álcool como um seu auxiliar, porque sabe que o operariado enquanto está nas tavernas e nos bordéis se embriagando, ele não está procurando no meio de seus companheiros a forma melhor de combater a exploração que ele sofre; como também dá motivos à polícia de os prender e espancar,



indesejável também na ótica patronal, justificando a implementação de ações burguesas contra o uso "exagerado" de bebidas<sup>39</sup>. O álcool, desta forma, motivará uma luta cujo caminho cruzará posições de militantes operários com práticas da classe dominante, que os jornais dos trabalhadores denominavam falsas ao afirmarem que a burguesia "fingia conder-se" pelas vítimas do álcool fazendo filantropia e propaganda anti-alcoólica, enquanto permitia a fabricação e venda de bebidas<sup>40</sup>.

Por outro ângulo, isto aponta para a existência da ação efetiva de um outro combate contra o alcoolatra que, no seu dia-a-dia, com certeza não era totalmente antagônico ao do próprio operariado.

Dessa maneira, a luta social cotidiana fará convergir, em vários momentos, ações de opositores. A recorrência a noções frequentes no discurso burguês, como remodelação e aperfeiçoamento pessoal e social, ligadas à idéia de progresso, e a expressões como "evolução da humanidade", "degeneração", e "cancro social", repetidas pelos jornais operários<sup>41</sup>, corroboram a existência de uma permeabilidade causada

---

dando assim prejuízo às instituições, primeiro porque ele sendo associado a mesma tem que fazer despesas com a sua liberdade, e além disso traz sempre rivalidades de uns contra os outros, segundo que os mesmos indivíduos não sendo associados, entretendo-se nas tavernas vão cada vez mais se corrompendo e a burguesia aproveita estes indivíduos para que em ocasiões de greve os mesmos se sujeitam, "embora imprestáveis", para aqueles poucos dias que eles necessitam dos mesmos. E depois correm-os a ponta-pés, pois até de graça não os querem no trabalho".

<sup>39</sup> "O álcool mata! Uma representação da Liga Paulista Contra a Tuberculose", *O Parafuso*, 10 de junho de 1919; M. Clementina P. Cunha, *O Espelho do Mundo: Juqueri, a história de um asilo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 166-167, 193-198; M. Auxiliadora Guzzo Decca, "A Vida Fora das Fábricas: Cotidiano Operário em São Paulo, 1927-1934", Dissertação de Mestrado, IFCH, UNICAMP, 1983, pp. 64-65.

<sup>40</sup> "Contra o álcool", *A Plebe*, 27 de janeiro de 1923.

<sup>41</sup> "Um vício a combater - o perigo do álcool", *A Vanguarda*, 04 de março de 1921; "Evitemos o álcool", *A Lanterna*, 29 de janeiro de 1916; "Saneamento Moral", *O Internacional*, 11 de julho de 1925.

pela vivência diária. Essas noções serão apropriadas e utilizadas pelos militantes operários na luta contra a mesma sociedade que as forjou, ao denunciarem problemas e pregarem transformações com os próprios argumentos burgueses, o que, todavia, tornava-os amplamente aceitos.

Parceiro da degeneração física e moral, hereditária ou adquirida, o álcool produz um ser indesejado quer para patrões (apesar de todas as acusações em contrário dos trabalhadores<sup>42</sup>), quer para operários, pois ineficaz para os propósitos de ambos - um trabalhador cordato, eficiente, por um lado, um operário combativo, atuante, de outro.

Ligas, associações, dispensários que muitas vezes compuseram o quadro das realizações denominadas hipócritas pelos operários, serão componentes da tentativa burguesa para tornar a sociedade um espaço ordenado, um meio asséptico, cuja expressão primordial será o Juquery. Opção concreta também para o problema do alcoolismo<sup>43</sup>, essa vocação do hospício se acentuará a partir da década de vinte quando, com transformações do saber psiquiátrico, será a classe operária o alvo privilegiado das intervenções, com objetivos claramente eugênicos, que a nomeiam como o espaço da transgressão ou como o grupo propenso, por excelência, ao desvio social (os movimentos grevistas de 1917 a 1919 não podem ser desprezados nesse processo). Mais e mais o Juquery será espaço de "depósito de detrito" social<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup> Cf. George Rosen, *Da Polícia Médica à Medicina Social*, Rio de Janeiro, Graal, 1980, p. 321.

<sup>43</sup> "Notícias Diversas: as vítimas do álcool", *Folha do Povo*, 14 de maio de 1909: "Atirou-se ontem, às seis horas da tarde, do Viaduto, Ernesto Grossiglio, solteiro, 42 anos e que foi gerente de uma farmácia no bairro Ipiranga. Ernesto enlouquecera há cerca de seis meses, devido ao abuso de bebidas alcoólicas. Recolhido ao hospício de juqueri, de lá saiu inteiramente são, entregando-se novamente ao vício da embriaguez. Reduzido a viver dos socorros dos últimos amigos, passava amargurados dias de miséria. Atualmente achava-se em tratamento no hospital Humberto I, donde evadiu-se para por termo à existência". Cf. Bosi, *op.cit.*, p. 109.

<sup>44</sup> M. Clementina P. Cunha, pp. 165-210. Sobre a existência de irrecuperáveis vítimas do álcool, ver



Mesmo tematizado como um mal amplo, de toda a sociedade, do qual nem a classe dominante estava preservada, a abordagem feita do alcoolismo enfatizando-o como parceiro da miséria - tema da predileção dos trabalhadores - facilitará a circunscrição do combate aos alcoólatras em torno da classe operária, desde o princípio do século XX, o que se acentuará com o passar dos anos<sup>45</sup>.

Nesse processo há a "criação" e a separação do "bom trabalhador" de tipos chancelados como marginais, proporcionadas tanto por realizações de associações educativas e assistenciais<sup>46</sup>, implementadas por leigos e profissionais da área de saúde (em contato direto com a população e maior ou menor acesso aos aparelhos do Estado, dependendo de sua constituição e objetivos), quanto pelo discurso militante dos trabalhadores, marcado de forma nítida pelo apreço à ciência, da mesma forma que estas citadas associações, que a imprensa operária criticava por seus nexos com a classe dominante:

"Que se fabrique caninha para bêbados está bem, mas para operários é que não!"<sup>47</sup>

A tentativa de realizar um corte profundo, separando a classe trabalhadora dos alcoólatras, reflete este esforço de segregação feito ao logo do tempo para definição por parte significativa do próprio

"Alcool e Tabaco", *O Amigo do Povo*, 22 de novembro de 1903. Ver também sobre a proposta hospitalar de solução para o problema de tratamento de alcoólatras: "A vol d'oiseau...", *O Parafuso*, 21 de abril de 1920; Evaristo de Moraes, *op.cit.*, pp. 109-136.

<sup>45</sup> Moraes, *op.cit.*, p. 125: "Nos palacetes como nos casebres, o pernicioso efeito da alcoolização se faz sentir pela mesma forma"; "Alcool, Jogo e Farra!", *O Internacional*, 1º quinzena de setembro de 1925.

<sup>46</sup> Uma instituição desse tipo (de âmbito nacional) é analisada por Madel T. Luz, *Medicina e Ordem Política Brasileira*, Rio de Janeiro, Graal, 1982, pp. 173-188.

<sup>47</sup> "Irmãos Trabalhadores!", *A Plebe*, 19 de julho de 1919.

operariado, de quais eram os que podiam ser chamados trabalhadores, e quais aqueles que não mereciam esse título e deviam ser expurgados. A eleição do álcool como "o maior obstáculo criado pelos nossos inimigos para obstar o nosso caminho", no mesmo texto que separou de forma tão incisiva "proletário" de "alcoólatra"<sup>48</sup> traduz como a cristalização de idéias políticas (a autora do texto é a libertária Isabel Cerruti, que assina Isa Ruti) dão-se de forma simbiótica com a definição da auto-imagem esculpida, através dos anos, pelos operários: homens sóbrios, conscientes e vigorosos lutadores.

Mas, entre a idealização pura e simples da bebida como instrumento burguês e do operário como um ser oposto ao bêbado, outra informação aparece, sutilmente, traindo a autora desse artigo eminentemente político: se trabalhador e álcool são incompatíveis, por que ele seria "o maior obstáculo criado pelos nossos inimigos para obstar o nosso caminho"? A incompatibilidade não garantiria a distância?

A fragilidade da separação do operariado destes indivíduos "marginais" no interior da ordem urbana industrial, está em ambos serem filhos despossuídos do capitalismo, assediados pela penúria. O alcoólatra seria o irmão indesejado que militantes trabalhadores queriam fazer desaparecer mas, também, a prole malquista, que saberes e intervenções burguesas procurariam eliminar. Em meio a idealizações e práticas, insistindo em denunciar esta fragilidade, irrompe o social, onde até mesmo o número de remédios como depurativos e revigorantes que têm a palavra vinho como parte de seu nome e essa bebida (ou a aguardente) entre os seus ingredientes, é extremamente significativo<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> *Idem, Ibidem*, os grifos são meus.

<sup>49</sup> Cf. como exemplo "Farmácia Cosmopolita", *Folha do Brás*, 23 de dezembro de 1900; "Vinho de Cajú" e "Despesia", *A Lanterna*, 24 e 25 de outubro de 1903; "Licor de Tayuyá de São João da



Contudo, serão os próprios jornais ligados aos trabalhadores que apontarão o uso da bebida não apenas como um costume da sociedade como um todo (como indica o caso dos remédios), mas como hábito de uma classe - a operária. Se as pregações e instituições burguesas foram denominadas simulacro de preocupação com o alcoolismo, o que dizer daqueles que, combatendo este vício, fazem anúncios de bebidas alcoólicas ?<sup>50</sup> A resposta pode ser dada pelos próprios operários, que em 1903, nos primórdios de uma luta que se revelaria longa, traduzem de maneira simples e direta a dimensão política e o aspecto de sucesso parcial que essa luta, à parte as mudanças de comportamento obtidas na sociedade, conseguirá concretizar até meados dos anos 20:

"Nós, nesse macabro concerto, formamos uma *exceção* - a *maioria* dos anarquistas são antialcoólicos. *Ao menos* entre os militantes e os simpatizantes *mais chegados* não se poderá encontrar um bêbado"<sup>51</sup>

---

Barra", *O Parafuso*, 31 de março de 1920.

<sup>50</sup> Entre vários: *O Rebate*, 11 de novembro de 1897; *A Lanterna*, 13 de janeiro de 1904; *O Livre Pensador*, 23 de dezembro de 1906.

<sup>51</sup> "Da Propaganda", *O Amigo do Povo*, 06 de dezembro de 1903. Os grifos são meus.